

A SOLIDÃO EM “ZARATUSTRA” COMO ELEMENTO INDICATIVO PARA A FORMAÇÃO HUMANA

PIEADADE, Valquíria Vasconcelos (Brasil, Santa Catarina, Florianópolis)^{1*};
SOUZA, Helder Félix Pereira de (Brasil, Santa Catarina, Florianópolis)^{2};**
HARDT, Lúcia Schneider (Brasil, Santa Catarina, Florianópolis)^{1*}**

¹Universidade Federal de Santa Catarina

²Instituto Federal Catarinense

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4661-6412>*

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6719-1292>**

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4939-0156>***

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo destacar a solidão como um elemento necessário para a formação humana e colhe nas obras *Assim falava Zaratustra* e *O Anticristo* os aspectos formativos da solidão tanto em seu sentido literal quanto em seu sentido figurado. Em termos metodológicos, concentramo-se numa ideia de interpretação para investigar o sentido e a possível variação no uso do termo “solidão” por Nietzsche. Tomando o pensador alemão como referencial teórico, diferenciaram-se as expressões “isolamento” e “abandono” do termo “solidão”, uma vez que os dois primeiros tendem a enfraquecer a vida humana, enquanto que a solidão pode tonificá-la. Conclui-se que a solidão em Zaratustra contém elementos que podem conduzir o ser humano a uma busca do melhor ou do mais elevado de si, em outros termos, ao além-homem. Por fim, a coragem para a vida na solidão emerge como um aspecto necessário da formação humana.

PALAVRAS-CHAVE

Solidão. Formação humana. Além-homem.

THE SOLITUDE IN “ZARATHUSTRA” AS AN INDICATIVE ELEMENT FOR A HUMAN FORMATION

ABSTRACT

This article aims to draft the solitude as a necessary element for human formation and gathers at *Thus spoke Zarathustra* and *The Antichrist* the formative aspects of solitude, both in its literal sense and in its figurative sense. In methodological terms, we concentrate on an idea of interpretation to investigate the meaning and possible variation of the term “solitude” in its use by Nietzsche. Keeping the German thinker as a theoretical reference, we distinguish “isolation” and “abandonment” of the “solitude”; since the first ones weaken human life and the latter can tone it. We conclude, then, that the solitude in Zarathustra contains elements that can lead the human being to a search for the best or the highest of himself; in other words, to the beyond-human. Finally, the courage for life in solitude emerges as a necessary aspect of human formation.

KEYWORDS

Solitude. Human formation. Beyond-human.

LA SOLEDAD EN "ZARATUSTRA" COMO ELEMENTO INDICATIVO PARA LA FORMACIÓN HUMANA

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo destacar la soledad como un elemento necesario para la formación humana y cosecha en las obras *Así hablaba Zaratustra* y *El Anticristo* los aspectos formativos de la soledad tanto en su sentido literal como en su sentido figurado. En términos metodológicos, se centró en una idea de interpretación para investigar el sentido y la posible variación en el uso del término "soledad" por Nietzsche. Tomando el pensador alemán como referencial teórico, se diferencian los términos "aislamiento" y "abandono" de "soledad", siendo que aquellos debilitan la vida humana y este puede tonificarla. Se concluye que la soledad en Zaratustra contiene elementos que pueden conducir al ser humano a una búsqueda de lo mejor o del más elevado de sí, en otros términos, al superhombre. Por fin, el coraje para la vida en la soledad emerge como un aspecto necesario de la formación humana.

PALABRAS CLAVE

Soledad. Formación humana. Superhombre.

1 INTRODUÇÃO

A solidão como um modo de ser do homem é um aspecto elementar de sua existência. Diversos filósofos, poetas, cientistas, religiosos, enfatizaram seu potencial formativo, sendo esse o aspecto que investigamos neste artigo. Escolhemos a filosofia nietzschiana para pensar este tema, uma vez que a noção de solidão destacada por Friedrich Nietzsche contempla tanto um sentido literal quanto um sentido figurado, podendo intensificar a discussão da solidão em termos formativos. No percurso metodológico, seguimos, ao nosso modo, as orientações de Paschoal (2009) para interpretarmos a noção de solidão e suas variações no pensamento de Nietzsche.

Desenvolvemos o tema da solidão em duas partes: na primeira destacamos o papel da solidão na constituição humana e distinguimos a solidão de isolamento. Ainda nesse primeiro momento, a solidão, como formação humana, retoma a sabedoria dos antigos gregos por meio da máxima "conhece-te a ti mesmo". Sucintamente apresentamos alguns autores que no percurso da história ressaltaram a necessidade de o homem viver formativamente a sua solidão para intensificar a si mesmo e também sua relação com o outro. Na sequência, apresentamos a importância da solidão na filosofia de Nietzsche e mostramos alguns autores brasileiros que contribuíram para pensar a

solidão em termos nietzschianos. Com isso, destacamos a pesquisadora Scarlet Marton, pois, assim como nós, ela aponta para os aspectos fundamentais da solidão na obra *Assim falava Zaratustra*, porém com uma diferença: para pensar o tema da solidão, Marton realiza um diálogo entre as obras *Assim falava Zaratustra* e *Ecce Homo*, e nós optamos por colocar em diálogo a obra *Assim falava Zaratustra* com a obra *O anticristo*, uma vez que esta apresenta as *sete solidões*.

Na segunda parte, trazemos para a reflexão a obra *Assim falava Zaratustra* e buscamos abrir as camadas da solidão apresentadas no decorrer dela. Vimos que Nietzsche coloca em tensão o homem da cidade, que vive na pluralidade de homens, e o ser da solidão, que pode ser um homem inferior, vil, ou um ser superior, forte. Percebemos que essa problemática retoma a filosofia aristotélica que define o homem como um animal político e social, e o homem que não está contido nessa definição pode tornar-se, por meio da solidão, mais ou menos elevado. Ainda com Aristóteles, tudo indica que Nietzsche dialoga com o conceito de *mimese* da obra *Poética*, uma vez que seu personagem Zaratustra parece imitar os traços trágicos de um herói grego. Na sequência, destacamos a presença da solidão na formação de Zaratustra e diferenciamos “solidão” de “abandono”. Depois analisamos as sete solidões descritas por Nietzsche em *O anticristo* e salientamos algumas passagens em que elas reverberam na obra *Assim falava Zaratustra*.

Por fim, tecemos algumas considerações finais sobre o tema da solidão e sua importância para a formação humana.

2 A SOLIDÃO E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO HUMANA

É possível afirmar que a solidão, além de ser um aspecto elementar da existência humana, é um tema que aparece de diversos modos na história do pensamento humano, não só nos pensamentos de cunho filosófico, mas também nos de cunho científico, religioso, poético e político. Como exemplo, apontamos as obras *Solitude: A philosophical encounter*, do filósofo americano Philip Coch (1997), e *Solidão: a conexão com o eu*, do psiquiatra Anthonny Storr (s/d), que destacam a amplitude do tema da solidão não apenas no seu aspecto negativo, mas enfatizam principalmente seu

aspecto positivo, sobretudo o criativo e o superativo, que surgem na vida de grandes personalidades da história.

O pensador alemão Friedrich Nietzsche, mesmo não possuindo uma obra ou um tratado sobre a solidão, também se debruçou e se aprofundou sobre esse tema de forma descontínua em algumas de suas obras. Partindo das intuições nietzschianas, o mais importante neste trabalho é nos aprofundarmos nas camadas da solidão, investigar como acontece o seu potencial transfigurador e por que ela é importante na formação humana, seguindo as pistas deixadas pelo polêmico pensador de Röcken. Contudo, antes de adentrarmos no pensamento de Nietzsche, é importante destacarmos a contribuição de mais alguns pensadores sobre o tema da solidão.

A pensadora alemã, Hannah Arendt, por exemplo, em sua obra *Vida do espírito* (2010), constata que é na solidão que ocorre aquilo que ela definiu como o “dois-em-um” socrático, em que a abertura da consciência moral se desenvolve e o diálogo de si consigo mesmo se estabelece. É essencialmente na solidão que ocorre o encontro de si consigo mesmo, portanto nesse momento a máxima do político e escritor latino Catão se torna clara: “[...] nunca se está menos só quando se está consigo mesmo” (ARENDR, 2010, p. 202-206). Em sua obra, Arendt (2010) diferencia a expressão “isolamento” da noção de “solidão” na medida em que esta se manifesta no estar a sós consigo mesmo e aquela no puro fechamento do mundo e de si mesmo ao ponto de estar interrompido até mesmo o solilóquio¹.

De certo modo, podemos dizer que a abertura ao diálogo de si consigo mesmo que a solidão proporciona, ou seja, a conversa interior ou o solilóquio, representa também um dos pilares do processo de busca do autoconhecimento, que, em termos da Antiguidade greco-romana, aparecia como a realização da máxima atribuída a um dos sete sábios e que foi gravada no templo religioso de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo”. Esse princípio orientou os gregos antigos e inspirou a filosofia desde Sócrates até a contemporaneidade, como muito bem lembrou o filósofo alemão Martin Heidegger (2009, p. 12) destacando a expressão em grego “*γνώθι σεαυτόν*” (*gnothi seautón*). Além disso, o

¹ Todavia, utilizaremos aqui a expressão “solidão” remetendo ao seu sentido mais amplo: a solidão como o momento reflexivo do ser humano. Uma constatação semelhante à de Hannah Arendt já havia sido realizada nas reflexões de Santo Agostinho quando o santo filósofo discorre sobre a necessidade dos solilóquios, ou dos diálogos de si consigo mesmo e com Deus, presentes intensamente em sua obra *Confissões* (2017).

“Conhece-te a ti mesmo” pode ser entendido como o esforço humano de tentar pensar por si mesmo, isto é, de realizar o *Sapere aude* (Ouse saber) do poeta latino Horácio, pensamento que foi muito bem retomado por Immanuel Kant (2011) em seu texto *O que é esclarecimento* e que sintetiza a essência do Iluminismo alemão: pensar por si mesmo e sair da menoridade.

Em sentido semelhante, Sêneca (1991) destaca a solidão como um caminho para conhecer-se mais a si mesmo e enfrentar as adversidades da vida com prudência; também o poeta Rilke (2013) enfatiza a solidão como um caminho para elevar a si mesmo, pensar por si mesmo, autoconhecer-se, sendo a solidão um aspecto fundamental da formação do poeta. Na mesma perspectiva, Louis Lavelle (2014, p. 106), filósofo francês e entusiasta do pensamento nietzschiano, afirma que: “[...] ninguém jamais fará algo de grande no mundo se primeiro não for capaz de fechar-se em si mesmo, de encerrar-se numa solidão perfeita como num casco duro no qual descubra a semente de seu próprio crescimento, o segredo de sua força e de seu destino”.

Nietzsche, como um filósofo e poeta atento aos recônditos da alma humana, não deixa de notar também a importância da solidão como um dos aspectos essenciais da formação do ser humano, por isso a solidão (*eisamkeit*) é um tema recorrente em seus escritos, que aparece “[...] tanto em sentido literal quanto em sentido figurado” (BURNHAM, 2015, p. 306); desde os primeiros escritos de Nietzsche, passando por *O nascimento da tragédia* (2007), *a Primeira e a segunda extemporâneas* (MELO, 2009), *Humano demasiado humano I e II* (2005b e 2017), *Aurora* (2008), *A gaia ciência* (2012), *Assim falava Zaratustra* (2014), *Além do bem e do mal* (2005), *A genealogia da moral* (2009a), até os últimos escritos, como em *Crepúsculo dos ídolos* (2006), *Ecce homo* (2013), *O anticristo* (2009b e 2016). Nesses textos, o tema da solidão aparece muitas vezes de forma direta, quando literalmente Nietzsche discorre sobre a solidão falando sobre a importância e o perigo do seu enfrentamento para a formação do ser humano², e de forma indireta, quando o pensador alemão insinua nas entrelinhas de seu texto

² Vale lembrar que, em *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de Ensino* (2009), e *Schopenhauer educador* (2009), Nietzsche enfatiza o enfrentamento da solidão como um “caminho perigoso”, porém muitas vezes necessário para a formação plena do ser humano no sentido de estabelecer um conhecimento de si mesmo e um pensamento próprio e autêntico. Ele cita Lessing, Wincklemann, Schiller, Goethe, que muitas vezes tiveram que enfrentar a dura solidão, e destaca a vida de Schopenhauer e seu “enfrentamento da solidão”. Por fim, Nietzsche (2013) usa a si mesmo como próprio exemplo de quem enfrentou a solidão e que, nesse encontro de si consigo mesmo, soube filosofar e conseqüentemente fazer sua filosofia.

imagens ou figuras da solidão, como gelo, mar, solitários montes, montanhas, desertos, árvores, águias, sol, etc.

É importante destacar alguns pesquisadores brasileiros que têm dedicado reflexões ao tema da solidão em Nietzsche, como é o caso de Fabiano Lemos em sua obra *O ofício da origem: uma leitura de 'Sobre o futuro dos estabelecimentos de ensino' de Nietzsche* (2016), quando, no epílogo de sua obra, intitulado *Uma pedagogia da solidão*, escreve: “A solidão – esse exílio que não é uma pena, mas uma escolha – nos incomoda”. Essa citação nos faz questionar se necessariamente somos nós que escolhemos a solidão, ou se ela também pode, em determinada singularidade e maturidade da vida, escolher-nos. Ainda outro autor que escreveu um livro sobre o tema é Jelson Oliveira – em sua obra *A solidão como virtude moral em Nietzsche*, que interpreta a solidão como uma virtude do “homem da solidão”, diferenciando este “homem da solidão” do homem gregário, que representa a coletividade e “[...] ‘odeia’ o indivíduo” (OLIVEIRA 2010, p. 15). No entanto, surge uma dúvida: esse “homem da solidão” é necessariamente alguém totalmente liberto da vida gregária?

Entendemos que esse possível “homem da solidão” percebe o modo gregário de vida primeiramente dentro de si. Nesse aspecto, diferentemente de Oliveira (2010), nosso “homem da solidão” lutaria, antes de tudo, consigo mesmo, e não apenas com a mediocridade alheia, pois, como declara Nietzsche (2014, p. 94): “[...] o pior inimigo que podes encontrar será sempre tu mesmo”.

Por fim, destacamos a contribuição de Scarlet Marton, que mostrou brevemente, em seus textos “Silêncio e solidão” (2000) e no verbete “Solidão” do *Dicionário Nietzsche* (2016), não só a importância fundamental da solidão nas ideias nietzschianas como a sua presença em inúmeras passagens de seus livros, enfatizando *Ecce homo* e *Assim falava Zaratustra* como sendo as obras em que a solidão aparece em um sentido mais forte do termo, além de estar vinculada à vida de Nietzsche e ao personagem Zaratustra, respectivamente.

De modo semelhante a Marton, reconhecemos na obra *Assim falava Zaratustra* (2014) a centralidade do tema da solidão em seu aspecto eminentemente formador do ser humano, uma vez que ela sintetiza, em forma poética, filosófica e religiosa, as ideias do pensador alemão e representa um verdadeiro “ditirambo à solidão” (NIETZSCHE, 2013, p.

31). Entretanto, além de *Ecce homo*, acrescentamos a obra *O anticristo* (2016) como sendo uma obra nietzschiana que também traz fortes indícios da solidão em seu bojo.

Nesse sentido, tomando como eixo central a obra *Assim falava Zaratustra* e articulando-a, na medida do possível, com a obra *O anticristo*, colhemos dela os aspectos diretos e indiretos da solidão para pensar a formação humana.

3 A SOLIDÃO: A ORIENTAÇÃO AUTOFORMATIVA PARA ZARATUSTRA

Zaratustra, entre os seus discursos de formação e a sua caminhada trágica³, propõe muitas vezes que a dança, como metáfora, é o elemento criador e formador para aquele que cultiva um espírito e coração livres, para aquele que quer elevar o seu caráter e, com coragem, consegue olhar para o caos que está dentro de si e vibrar por “[...] poder dar à luz uma estrela bailarina” (NIETZSCHE, 2014, p. 27). Essa estrela orienta o espírito a transfigurar-se em criança, pois para Zaratustra a criança é a camada mais elevada do espírito por ter sempre o primeiro movimento em suas mãos, a primeira gota de orvalho sobre a pele, a primeira leitura, o primeiro poema realizado, a primeira xícara de café, o primeiro bom dia ofertado, a primeira boa noite recebida, o primeiro arco-íris contemplado, o primeiro sorriso e a primeira lágrima.

A solidão, como um aspecto de tal estrela, passa a nutrir o espírito, tornando-se a substância do seu meio-dia⁴, oferecendo e amparando a possibilidade de o espírito intensificar aquilo que ele já é. Tal como uma mãe generosa para com seu filho recém-nascido, a solidão é para Zaratustra o seu alimento. Em determinado momento de sua caminhada, já cansado de estar entre os homens, uma vez que “[...] entre estes todos falam e já ninguém sabe compreender. Tudo cai à água; nada porém imerge em fontes profundas” (NIETZSCHE, 2014, p. 245), Zaratustra retorna à sua solidão e remete-se à ela como sendo a sua pátria e a sua força materna, dizendo:

³ É importante salientar que este artigo partilha das constatações do professor Roberto Machado (2011) sobre a relação intrínseca entre *O nascimento da tragédia* e *Assim falava Zaratustra*, em que uma das grandes diferenças entre a primeira e a segunda obra, além da maturidade do autor, é que a primeira possui um tom dissertativo-acadêmico e a segunda adquire uma tonalidade poético-dramática, e, de modo geral, o conteúdo de ambas as obras são reverberantes.

⁴ O filósofo Mário Ferreira dos Santos (1907-1968) revela em uma nota de rodapé da obra *Assim falava Zaratustra* que o meio-dia, na compreensão simbólica, é uma linguagem dionisíaca que principia a “[...] hora mística, oculta aos cegos, mas iluminada aos iniciados, que veem tudo sem sombras”, simbolizando “a luz de Deus por todos os lados” (NIETZSCHE, 2014, p. 15).

Oh! Solidão, solidão, minha pátria! Vivi muito tempo selvagem em selvagens países estranhos, para não regressar a ti sem lágrimas! Ameaças-me agora com o dedo, como ameaçam as mães, sorris-me agora como sorriem as mães, e apenas dizes: 'E quem foi que em tempos fugiu do meu lado como um furacão?'. E ao retirar-se exclamou: 'Vivi demasiado tempo em companhia da minha solidão [...]'. (NIETZSCHE, 2014, p. 243).

Nessa parte da obra, intitulada "O regresso à pátria", a solidão se mostra como o lugar do eterno retorno de Zaratustra. Toda vez que a sua força vital diminui é na solidão que o personagem busca o alimento para fortificar a sua alma. O interessante nessa passagem é que a solidão ganha voz e ela própria conversa com Zaratustra; mas quem seria a solidão se não o próprio Zaratustra?⁵. Desse modo, a autoformação de Zaratustra se realiza por meio do solilóquio, pois, dialogando consigo mesmo, Zaratustra parece voltar à serenidade de si, a edificar sua vida interior, regozijando-se consigo próprio e reafirmando em si a sua elevada solidão: "Oh! Solidão, solidão, minha pátria! Como é divina e terna a tua voz que me fala! [...] tudo em ti é franco e iluminado" (NIETZSCHE, 2014, p. 244).

Ainda nesse tópico, Zaratustra desabafa com sua solidão, mostrando o quão pesado é voltar a viver entre os homens e como sentiu-se "só" entre eles; nesse momento, porém, a solidão, em sua voz maternalmente boa, ensina para ele a diferença entre a solidão e o abandono. A primeira eleva o caráter de Zaratustra, tonifica e anima a sua alma; já o abandono, estando próximo ao ressentimento humano, diminui a força de Zaratustra e o deixa desamparado, pois os sentidos da vida, outrora alegres, parecem migrar para um aspecto de tristeza; o abandono parece impedir a comunhão e o regozijo de si consigo mesmo e com a vida.

Ao compreender as dores e o cansaço de Zaratustra no abandono entre os homens, a solidão reanima-o, dizendo-lhe:

Ó Zaratustra, sei tudo e sei que te sentias mais abandonado, só, na multidão, do que jamais estiveste comigo. Uma coisa é o abandono e outra a solidão; eis o que aprendeste agora. E entre os homens sempre se sentirás selvagem e estranho [...]. Aqui, porém, está na tua pátria e na tua casa; aqui podes dizer tudo

⁵ Ou seria, nesse caso, a solidão personificada como algo além de Zaratustra? Essa questão sugere que a solidão toma corpo, ganha voz, tornando-se ela própria uma entidade ou uma espécie de alegoria (encarnada) que permeia toda a obra. É possível verificar tal indício na passagem intitulada "Antes do nascer do sol", pois nela Zaratustra conversa com algo ou alguém por quem ele nutre uma espécie de amor sagrado, como podemos verificar nas declarações do personagem quando diz que o amor a esse algo ou alguém lhe revelou uma beleza anunciadora da sabedoria ou ainda, nas palavras do próprio Zaratustra: "Belo, vieste a mim, mas velado por tua beleza; falaste-me com palavras silenciosas, revelando tua sabedoria. [...] Antes do nascer do sol vieste até mim, solitário entre os solitários. Fomos amigos desde o início" (NIETZSCHE, 2014, p. 219).

e expandir-te à vontade [...]. Aqui todas as coisas se aproximam carinhosas da tua palavra e te animam: porque te querem erguer ao ombro. (NIETZSCHE, 2014, p. 243).

Diferenciando-se do abandono, a solidão põe-se como a pátria de Zaratustra e também, poderíamos dizer, como a sua pedagoga, que, segurando-o pela mão, conduz o personagem de Nietzsche (2014) de volta a ele mesmo. Nesse aspecto, interpretamos que a solidão seria o lugar de eterno retorno formativo, pois recupera a saúde moral, intelectual e espiritual de Zaratustra.

Uma vez renovado em sua solidão, Zaratustra desce novamente aos vales⁶, nos lugares mais obscuros da vida humana, e então, tal como o Sol, o personagem nietzschiano, sustentado por sua solidão, baixa à profundidade dos homens levando “[...] a tua luz para o mundo inferior” (NIETZSCHE, 2014, p. 14).

Desse modo, Zaratustra inicia efetivamente seu declínio. Ele desfrutou dez anos de sua solidão; quando estava repleto e transbordante da mais alta esperança e do mais elevado brilho, o andarilho põe-se a falar e conviver novamente com os homens, descendo de sua montanha e proferindo-lhes dádivas, ensinando-lhes o *übermensch* (além-homem), já que este é o seu maior querer. Antes, porém, Zaratustra invoca o grande astro do céu, o Sol, e a ele pede uma bênção, para que com ela seja possível “tornar-se homem!” (NIETZSCHE, 2014, p. 14) ou “novamente se fazer homem” (NIETZSCHE, 2011, p. 12).

Essa curiosa e intrigante passagem de Zaratustra, na qual o personagem parece deixar de ser homem quando está na solidão da montanha e busca novamente tornar-se homem quando desce para a cidade desejando a companhia dos homens, resgata, em certos aspectos, a tradição da filosofia e o grande tema da antropologia aristotélica, que define o homem como um animal político ou social.

Na *Ética a Nicômaco*, livro I, 1097b10-15, e no livro I, 1253a1-10, da *Política* de Aristóteles, encontramos a célebre passagem em que o estagirita define o homem como um animal político, ou seja, o homem, por natureza, é um ser vivo ou um vivente político: “[...] ἐπειδὴ φύσει πολιτικὸν ὁ ἄνθρωπος” (ARISTÓTELES, s/d, p. 40-41). No entanto, é na

⁶ É importante esclarecer que este artigo optou por não fazer uma leitura linear da obra de Zaratustra, mas por mostrar o movimento do personagem que, no vivenciar de sua solidão, recupera a sua saúde, o seu ânimo e novamente desce aos vales, aos homens, para doar a eles aquilo que há de mais elevado: o amor à vida (a mais alta esperança). Esse movimento entre vales (homens) e montanha (solidão/divindade) é, como constatamos, o traço formativo em Zaratustra.

obra *Política* que tal definição aparece de forma mais ampla destacando um aspecto da vida humana fora da pólis: “ὁ ἄνθρωπος φύσει πολιτικὸν ζῶον, καὶ ὁ ἄπολις διὰ φύσιν καὶ οὐ διὰ τύχην ἦτοι φαῦλός ἐστιν, ἢ κρείττων ἢ ἄνθρωπος [...]” (ARISTÓTELES, 1998, p. 60-61, grifos nossos), ou seja, o homem que, por natureza, e não por sorte ou acaso, for sem cidade será um homem feio, vil, decaído, inferior ou então ele será um homem mais forte, melhor, superior, sobre-humano.

Note que a palavra “κρείττων” (*kreítton*) é um adjetivo que significa “o mais forte, melhor”, e o substantivo “κρείων” (*kreíon*) significa “dono, chefe, rei, homem de ascendência nobre”. Tais palavras derivam do substantivo “κράτος” (*krátos*), que significa “força, robustez, solidez, vigor, domínio, poderio, império, vitória” (PEREIRA, 1998, p. 332). E a palavra “φαῦλός” (*faulós*) é um adjetivo que significa “[...] feio, malévolo, defeituoso, vil, grosseiro, insignificante, frívolo, ligeiro, indolente, preguiçoso, de posição inferior, simples, não complicado, fácil, cômodo” (PEREIRA, 1998, p. 608).

O mais espantoso de toda essa afirmação de Aristóteles é que ela contém dois aspectos sobre o ser humano: o primeiro enfatiza o homem como um animal que naturalmente participa da cidade e vive a política, ou seja, o homem como um animal político que só se realiza completamente quando está entre homens na cidade, em uma pluralidade de homens e se dedicando ao bem da pólis; o segundo destaca o homem que naturalmente não vive na pluralidade de homens na pólis e que, de certo modo, é o homem que vive na solidão. Trata-se, portanto, de um homem inferior (pior) ou um homem superior (melhor). Nesse aspecto, é possível situar o homem inferior, ou o homem fora da pluralidade humana da cidade, em sentido pejorativo, como o pior tipo humano, como uma besta ou uma fera humana. De outro lado, quando tentamos imaginar o segundo aspecto, ou seja, o do homem superior, destacando o melhor do ser humano, é possível identificá-lo com os seres divinos.

Se aproximarmos esses dois aspectos da afirmação aristotélica (de que o homem é naturalmente um animal político e que do contrário ele seria um ser inferior, fera, ou um ser superior, divino), das afirmações que Nietzsche faz do *übermensch* (além-homem, super-homem, sobre-humano), e lembrando que uma das metas principais do trabalho de Nietzsche é anunciar e preparar o advento do *übermensch*, é possível afirmar que o pensador alemão, de modo semelhante ao pensamento aristotélico, buscou encontrar não apenas o homem mediano, que naturalmente é gregário e vive social e

politicamente na cidade, mas principalmente o homem de exceção, capaz de viver dentro e fora da cidade: não o pior homem, mas o melhor homem, o homem próximo ao seu aspecto divino, ou seja, o homem capaz de enfrentar as vicissitudes da vida e viver positivamente na solidão.

Sobre isso, e reforçando ainda mais a relação entre Aristóteles e Nietzsche, vale lembrar que, no final da *Ética a Nicômaco*, no Livro XII, 1,177b-1.178a, ao falar sobre a suprema felicidade, enfatizando a via contemplativa e a abertura para o que há de mais elevado no ser humano, Aristóteles (1985, p. 203) afirma que:

[...] não devemos seguir aquelas pessoas que nos instam a, sendo humanos, pensar em coisas humanas e, sendo mortais, a pensar no que é mortal; ao contrário, devemos tanto quanto possível agir como se fôssemos imortais e esforçar-nos ao máximo para viver de acordo com o que há de melhor em nós, pois, embora esta nossa parte melhor seja pequena em tamanho, em poder e importância, ela ultrapassa todo o resto.

Essa passagem foi muito bem lembrada e comentada por Reale (2012, p. 123) ao enfatizar que “[...] a felicidade da vida contemplativa, ao contrário, de certa forma, leva para o além do humano; realiza, por assim dizer, uma tangência à divindade cuja vida só pode ser contemplativa”. Não seria a busca desse “agir como se fôssemos imortais”, ou “viver de acordo com o que há de melhor em nós”, ou a vida que nos “leva para além do humano” o que justamente Nietzsche está buscando em suas investigações? Não seria o aspecto mais elevado, o melhor aspecto do homem, o fio de Ariadne que percorre todo o labirinto do pensamento nietzschiano e que fica evidente quando, na obra *Assim falava Zaratustra* (2014), é anunciado o *übermensch*? Este além-homem, super-humano, sobre-humano, sintetiza a ideia de algo superior ao homem, por isso enfatizou Zaratustra: “Todos os seres, até agora, criaram alguma coisa que os ultrapassou; quereis ser o refluxo dessa grande maré e retornar ao animal, em vez de superar o homem?” (NIETZSCHE, 2014, p. 18). Ademais, em certos aspectos, não seria Zaratustra tanto o ser que na solidão encontra-se com seu aspecto mais divino e se situa além-homem quanto o homem que anuncia a possibilidade de o homem viver dentro e fora da pólis, na pluralidade humana e na solidão?

Os indícios presentes no prólogo de *Assim falava Zaratustra* (2014), reforçando o que foi dito anteriormente, parecem responder a essa questão de forma positiva na medida em que a primeira passagem do livro enfatiza, logo nas primeiras linhas, a saída

de Zaratustra de sua cidade para a montanha. Ou seja, Zaratustra aos 30 anos quis deixar de ser homem e alimentar seu espírito na solidão por dez anos, deixando de ser homem e aproximando-se do aspecto mais elevado do humano, o aspecto divino. Depois de acumular sabedoria pela via contemplativa, “Zaratustra outra vez quer tornar-se homem” (NIETZSCHE, 2014, p. 14) e retorna para a cidade a fim de ensinar sua sabedoria acumulada: a do *übermensch*, que, em outras palavras, implica a possibilidade de que o homem como homem seja um vivente na e da cidade e também que pode ser vivente para além da cidade, aproximando-se assim de seu aspecto mais elevado, mais divino (deixa de ser homem e aproxima-se do divino na solidão).

Esse indício é reforçado mais ainda quando lembramos da predileção de Nietzsche pela busca de homens elevados que reverbera, em certo sentido, na aceitação do estudo sobre a *mimese* da *Poética* aristotélica na medida em que Nietzsche está buscando a *mimese* de homens de caráter nobre e elevado, e não a *mimese* do caráter de homens inferiores, tal como aparecem nas definições de tragédia e de comédia propostas por Aristóteles em sua *Poética* (2015, p. 67-69)⁷. Nesse caso, a busca pela formação do gênio, ou do espírito livre, ou do filósofo trágico, que perpassa as investigações de Nietzsche e parece culminar na noção de *übermensch*, reverbera tanto na definição de homem superior (*κρείττων*), presente na *Política* de Aristóteles, quanto na definição de tragédia como *mimese* de homens de caráter elevado (*σπουδαίων*), presente na *Poética* aristotélica.

De modo semelhante a uma figura trágica que mimetiza, de certo modo, o caráter elevado dos heróis das tragédias, Zaratustra, ainda no prólogo do livro, depara-se com uma multidão que está reunida na praça pública e, para ela, ensina o *übermensch*. Este é considerado o “transfigurador da existência”⁸, capaz de doar-se a si mesmo em sacrifício à

⁷ Apesar de criticar alguns aspectos da *Poética* aristotélica, sobretudo a definição de catarse como purgante, e não como um tônico, Nietzsche parece estar muito mais alinhado às ideias do estagirita do que distante delas. Não estaria nisso o esforço nietzschiano para estabelecer um contato entre a vida ativa e a vida contemplativa ou então estabelecer um contato entre a vida sensível e a suprassensível? Em outros termos: um contato entre a solidão contemplativa e a pluralidade entre homens na vida ativa? Com isso, Nietzsche não estaria evitando cindir esses âmbitos e buscando olhá-los de maneira complementares tal como a relação entre Apolo e Dionísio presente em *O nascimento da tragédia* (2007)? Não haveria nisso o esforço nietzschiano para conectar o sensível ao suprassensível, semelhante ao que ocorre ao filósofo no Mito da Caverna de Platão (2016), que saiu da caverna, contemplou a verdade e o bem (divinos), retornando aos homens para dizer-lhes a boa-nova?

⁸ Nas palavras do tradutor Mário Ferreira dos Santos (2014, p. 21, grifo nosso), “O Além-Homem é o tipo que alcança o mais alto acabamento. É a plenitude do ser homem, o homem humanamente acabado,

terra; eis o ensinamento de Zaratustra: “[...] eu vos ensino o Além-homem. O Além-homem é o sentido da terra. [...] Exorto-vos, ó meus irmãos, a permaneceres fiéis à terra” (NIETZSCHE, 2014, p. 19). Porém, o anunciador do *übermensch* percebeu que os ouvidos da multidão não estavam preparados para as suas palavras, pois a multidão estava seduzida pela figura do “último homem” (NIETZSCHE, 2014, p. 26-29), sendo este uma espécie de *mimese* do homem inferior, uma vez que, para Zaratustra, o “último homem” apresenta uma habilidade em pregar a morte como se fosse a vida, em pregar o feio como se fosse o belo, em pregar a mentira como se fosse a verdade, em pregar a maldade como se fosse a bondade, por isso finge amar a vida, mas, na verdade, o “último homem” nutre pela vida um grande ressentimento.

O que restou ao Zaratustra nessa primeira descida aos homens foi segurar as mãos de um morto. Essa morte representou um momento transfigurador para o anunciador do *übermensch*, pois, depois de não ser ouvido pelos homens da cidade e “[...] sem saber para onde ir, ao lado de um cadáver” (NIETZSCHE, 2014, p. 244), ele muda de estratégia e decide não mais falar para muitos, tampouco para mortos, agora ele quer falar para poucos companheiros: “É de companheiros, e vivos, que preciso; companheiros que me sigam – porque desejam seguir a si próprios” (NIETZSCHE, 2014, p. 34); seguir a si próprio implica criar seus próprios valores, ou seja, Zaratustra quer unir-se aos criadores, pois estes são, para o andarilho, os solitários que vão estimar os acontecimentos de sua vida.

Ao pensar a formação desse homem solitário, do homem criador, Nietzsche, no prólogo do seu livro *O anticristo*, dispõe de sete solidões, compreendendo-as como um conjunto de forças que desperta no solitário a vontade de exercer a sua coragem, sendo elas:

Uma experiência haurida de sete solidões. Ouvidos novos para música nova. Olhos novos para o mais longínquo. Uma consciência nova para verdades que até agora permaneceram mudas. E a vontade de praticar a *economia do grande estilo*: conservar a sua força, o seu *entusiasmo*... O respeito por si mesmo; o amor a si mesmo; a liberdade incondicional frente a si mesmo [...]. (NIETZSCHE, 2009b, p. 11, grifos nossos)⁹.

completo, realizando as suas perfeições, sem deixar de ser homem; [...] o *além-homem* é o *transfigurador da existência*”.

⁹ Daqui em diante, ressaltaremos, no corpo do texto, as sete solidões e seus aspectos fundamentais em itálico (grifo nosso) para enfatizar o que há de curioso e importante em cada uma delas.

Em toda a obra de Zaratustra (2014) é possível perceber a presença formadora dessas solidões. Uma passagem no livro que revela uma das sete solidões, mais especificamente a primeira solidão – “Ouvidos novos para música nova” –, está presente na parte IX do prólogo, momento em que Zaratustra, ao chamar para si companheiros criadores (solitários), exorta: “Cantarei aos solitários, e aos que são dois em sua solidão, e a quem tiver ouvidos para coisas inauditas” (NIETZSCHE, 2014, p. 35, grifo nosso).

Notam-se também os elementos das sete solidões em outros momentos da obra, envolvendo outras solidões, como é o caso da passagem “Noturno”, que aponta para duas solidões ao mesmo tempo: a quinta – “o respeito por si mesmo” ou, na tradução de *O anticristo* de Paulo César de Souza (2016, p. 9), “A reverência a si mesmo” e também para a sexta solidão, que é “o amor a si mesmo”. Esta é a passagem que, segundo Nietzsche (2013, p. 31), marca profundamente a sua obra *Zaratustra* como um “ditirambo à solidão”; nela, Zaratustra entrelaça as duas solidões: amor e respeito por si mesmo, ao falar desejosamente para si mesmo e ao reverenciar sua própria alma. Tais solidões, que têm por si um grande amor e uma grande deferência, são apresentadas no seguinte trecho de “Noturno”:

É noite; eis que se eleva mais alto a voz das fontes fervilhantes. *E minha alma é também uma fonte fervilhante.* É noite; eis que despertam todas as canções dos amorosos, e *minha alma também é o canto de um amante.* Uma sede está em mim, insaciada e insaciável, que busca erguer a voz. *Um desejo de amor vive em mim,* um desejo que fala a linguagem do amor. *Eu sou luz:* ai, porque não sou trevas! *Mas minha solidão consiste em estar envolta de luz.* [...] Que se tornaram as lágrimas de meus olhos e o aveludado de meu coração? *O solidão dos que dão! O silêncio de tudo o que luz.* (NIETZSCHE, 2014, p. 145, grifos nossos).

Outra passagem que aponta para a quinta solidão e possivelmente também para a sexta solidão é “Canto sepulcral”, em que Zaratustra, ao estabelecer uma conversa com os “instantes divinos” (NIETZSCHE, 2014, p. 152, grifo nosso), revela-lhes: “Vós exalais para mim um suave perfume, [...]. Na verdade, comove e entenece o coração do navegador solitário. *Sou ainda o mais rico e o mais digno de inveja, eu, de todos o mais solitário*”; nessa passagem, tal como na anterior, Zaratustra demonstra por si uma grande consideração.

É possível também reconhecer na obra de Nietzsche (2014) uma exaltação à sétima solidão, “[...] a liberdade incondicional frente a si mesmo”, disponível na passagem “Do grande anelo”, momento em que o personagem conversa com sua alma e

lembra, junto com ela, tudo o que lhe ensinou, instituindo uma ode à liberdade: “Ó *minha alma, restitui-te a liberdade* quanto às coisas criadas e por criar; e quem conhece como tu a voluptuosidade das coisas futuras? [...] Ó *minha alma, libertei-te* de toda a obediência, de toda a genuflexão e de todo servilismo [...]” (NIETZSCHE, 2014, p. 290, grifos nossos). Nessa passagem, Zaratustra resgata a necessidade que tem a sua alma de reconciliar-se com as forças afirmadoras do destino, desvencilhando-se do peso do “mesquinho pudor” (NIETZSCHE, 2014, p. 290), daquilo que aprisiona o seu impulso singular, sendo esse o aspecto formador da liberdade frente a si mesmo.

Destacamos também a passagem “Dos poetas”, que retrata a segunda solidão, “*Olhos novos para o mais longínquo*”. Nessa passagem, Zaratustra conversa com um discípulo e lhe revela que está desgostoso com a poesia dramática de sua época, pois, para o anunciador do *übermensch*, a poesia está decadente. O discípulo, que pensava de outro modo, indignou-se com a opinião de Zaratustra e calou-se; e “Zaratustra permaneceu também calado, e seu *olhar* parecia volver-se para o íntimo, como se percebesse *longínquas* perspectivas. Afinal, suspirou e tomou alento: [...] em mim há alguma coisa que é de *amanhã e depois de amanhã, e demais distantes*” (NIETZSCHE, 2014, p. 175, grifos nossos); ou seja, Zaratustra purifica-se na esperança criativa e altamente valorativa daquilo que lhe é o mais distante, porém não menos vívido, lembrando que a solidão tonifica a alma do personagem ao lhe encorajar a estimar a própria vida da melhor maneira possível.

Em outras passagens, esta mesma solidão, “*Olhos novos para o mais longínquo*”, apresenta-se de modo mais claro, como é o caso de “O viandante”, momento em que Zaratustra diz: “Para *ver* muitas coisas é necessário aprender a *olhar para longe* de nós: esta dureza é necessária para todos os que escalam os montes” (NIETZSCHE, 2014, p. 206, grifos nossos). Ou ainda, em “Uma árvore na montanha”, quando Zaratustra, ao se lamentar por corações que outrora eram nobres e deixaram de ser, porque ter perdido o contato com a mais alta esperança (o amor à vida), acaba por revelar o triste destino desses corações: “[...] desde então viveram uma minguada de breves alegrias, sem *ver* mais *longe* do que de um dia para o outro” (NIETZSCHE, 2014,

p. 65)¹⁰; ou seja, esses corações deixaram de amar a sua solidão, afastando-se dela, pois acovardaram-se diante do seu pior inimigo:

O pior inimigo que podes encontrar será sempre tu mesmo: a ti próprio te aproximas nas cavernas e nos bosques. Solitário, tu segues o caminho que leva a ti próprio! E teu caminho passa diante de ti e de teus sete demônios! Serás herege para ti mesmo, serás feiticeiro, adivinho, louco, incrédulo, ímpio e malvado. É mister que queiras consumir-te em tua própria chama. Como renascerias, se ainda não te reduziste em cinzas? Solitário, segues o caminho do criador: um deus queres criar de teus sete demônios! [...] Vai para a tua solidão, com o teu amor e com a tua criação [...]. (NIETZSCHE, 2014, p. 94).

No entanto, diante da possibilidade de tornar-se um criador/solitário, quem, dentre os homens da cidade, estaria disposto a enfrentar o seu pior inimigo; morrer e renascer de suas cinzas, para, quem sabe, fazer emergir em sua vida o homem de caráter elevado, que, além de viver bem entre a pluralidade humana, vive também, e plenamente, a sua solidão? De outro lado, outra questão se abre, relativa ao homem de caráter fraco, vil: quem, tal como os homens outrora de corações nobres, não faria o mesmo que eles, que, por motivos particularmente covardes, afastaram-se da sua solidão, uma vez que vivenciar formativamente a solidão é uma tarefa árdua? Afinal, desses dois modelos de homens, por qual valeria a pena lutar?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre o homem que vive na pluralidade da cidade e o homem que vive na solidão, habita uma tensão entre o feio, o vil, o inferior e o nobre, o elevado, o superior. Zaratustra mostra ao homem a importância de alternar as perspectivas, ora das alturas, ora do vale, sem perder de vista o seu melhor, o além-homem. Com essa alternância, o homem pode superar a si mesmo e buscar, entre as dores e as alegrias da vida, o melhor de si. Alternar o olhar sobre a vida é modo de dar a ela novos valores, conquistando, nesse aspecto, a liberdade frente a si mesmo.

Vimos que a solidão não é o isolamento. Este reduz a força do homem, pois impede a expansão da vida, e a solidão possibilita ao homem amadurecer, dialogando

¹⁰ Neste artigo não abordaremos as solidões: “[...] uma *consciência* nova para verdades que até agora permaneceram mudas”, e “[...] a vontade de praticar a *economia do grande estilo* – conservar a sua força, o seu *entusiasmo* [...]” (NIETZSCHE, 2009b, p. 11), pois elas não aparecem de modo preciso na obra.

consigo mesmo e com algo além de si mesmo. A solidão se põe como a pátria de si que pode elevar o caráter humano, aprimorando a relação consigo mesmo e com os outros.

No exercício das sete solidões, o homem transfigura o seu olhar e acessa as camadas mais longínquas de si, despertando em si mesmo sutilezas sobre-humanas. Mas o homem não é petrificado em sua solidão, em uma eterna contemplação, ele transita da solidão (alturas) para o abandono (vale), que, como vimos com Zaratustra, são coisas diferentes. O abandono, tal como o isolamento, diminui a potência da vida entre os homens. Por isso, o solitário leva as suas dádivas aos homens, ao vale, aos aspectos mais obscuros do ser humano, mas fica atento ao momento de voltar para o mais elevado de si, para o acolhimento de sua solidão.

Entre o homem e o além-homem habita a força formativa da solidão e há apenas uma exigência para começar o percurso do solitário: a coragem.

5 REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, S. *Confissões*. Tradução Lorenzo Mammi. São Paulo: Penguin Classic: Companhia das Letras, 2017.
- ARENDT, H. *A vida do espírito*. Tradução César Almeida, Antônio Abranches e Helena Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução Mário da Gama Kury. Brasília, DF: UnB, 1985.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Diretor Antonio Truyol Serra. Colección Clássicos Políticos. s/d.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução Paulo Pinheiro. São Paulo: 34, 2015.
- ARISTÓTELES. *Política*. Tradução Antônio Campelo Amaral e Carlos Gomes. Lisboa: Vega, 1998.
- BURNHAM, D. *The Nietzsche dictionary*. New York: Bloomsbury Academic, 2015.
- COCH, P. *Solitude: A philosophical encounter*. Chicago: Open Courts, 1997.
- HEIDEGGER, M. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- KANT, I. O que é esclarecimento. In: KANT, I. *Textos seletos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 63-71.
- LAVELLE, L. *A consciência de si*. Tradução Lara de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2014.

- LEMOS, F. *O ofício da origem: uma leitura de “Sobre os estabelecimentos de ensino” de Nietzsche*. Curitiba: Kotter, 2016.
- MACHADO, R. *Zaratustra: tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- MARTON, S. Silêncio, solidão. *Cadernos de Nietzsche*, São Paulo, v. 9, p. 79-105, 2000.
- MARTON, S. Solidão. In: MARTON, S. *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2016. p. 384-385.
- MELO, N. C. (Org.). *Escritos sobre educação*. Tradução Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC; São Paulo: Loyola, 2009.
- NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005a.
- NIETZSCHE, F. W. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e prólogo: Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2014.
- NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, F. W. *Aurora*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, F. W. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, F. W. *Ecce homo*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da moral*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.
- NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005b.
- NIETZSCHE, F. W. *Humano demasiado humano II*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.
- NIETZSCHE, F. W. *O anticristo*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.
- NIETZSCHE, F. W. *O anticristo: maldição contra o cristianismo*. Tradução Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2009b.

NIETZSCHE, F. W. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Tradução Jacó Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

OLIVEIRA, J. *A solidão como virtude moral em Nietzsche*. Curitiba: Champagnat, 2010.

PASCHOAL, A. E. Transformação conceitual. *Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 17-30, 2009.

PEREIRA, I. *Dicionário grego-português e português-grego*. Braga: Apostolado da Imprensa, 1998.

PLATÃO. *A República*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2016.

REALE, G. *Introdução a Aristóteles*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. Tradução Cecília Meireles 4. ed. São Paulo: Globo, 2013.

SÊNECA, L. A. *Cartas a Lucílio*. Tradução J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1991.

STORR, A. *Solidão: a conexão com o eu*. São Paulo: Benvirá, s/d.

Valquíria Vasconcelos da Piedade (Brasil, Santa Catarina, Florianópolis) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Doutoranda em Filosofia da Educação pela UFSC. Atriz (Sated/PR - 2003 sob o n. 1855), atuando na Companhia Circo Teatro sem Lona e no grupo Teatro Universitário de Maringá como educadora, atriz e preparadora corporal entre 1999 e 2009.

Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/1568351049226989>>.

E-mail: <valquiriavaspi@gmail.com>.

Helder Félix Pereira de Souza (Brasil, Santa Catarina, Florianópolis) – Instituto Federal Catarinense (IFC)

Doutor em Ciências Humanas pela UFSC. Professor de Filosofia no IFC - Brusque.

Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/1134578127488948>>.

E-mail: <helderfps@hotmail.com>.

Lúcia Schneider Hardt (Brasil, Santa Catarina, Florianópolis) – Universidade Federal de Santa Catarina (Udesc)

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia da Educação e Arte (Grafia), no qual coordena um subgrupo: "Bio-Grafia/Nietzsche". Integra ainda o Grupo de Pesquisa Nietzsche e a Teoria Política (GENTP). Professora associada da UFSC.

Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/2856120081290253>>.

E-mail: <luciashardt@gmail.com>.

Recebido em 6 de outubro de 2018.

Aceito em 20 de dezembro de 2018.